



TRANS 23 (2019)

DOSSIER: APROXIMACIONES AL ESTUDIO DE LAS DINÁMICAS E IMPACTOS DE LAS CELEBRACIONES MUSICALES EN ESPAÑA Y PORTUGAL

Festas, música e desenvolvimento sustentável na raia do Baixo Alentejo

Dulce Simões (Universidade Nova de Lisboa)

Resumen

Nas últimas décadas assistimos ao surgimento de invenções festivas como fator de desenvolvimento sustentável em contextos rurais, associadas à divulgação e promoção de produtos e práticas culturais, que expressam diferentes motivações. Em Portugal e Espanha a relação entre festas, música e desenvolvimento sustentável constituiu-se como objeto de estudo, a partir de celebrações musicais que permitem a criação de redes informais e modelos participativos entre agentes culturais, músicos e membros das comunidades. Com este texto pretendo questionar o fenómeno da invenção festiva na raia do Baixo Alentejo como estratégia de desenvolvimento sustentável, com o enfoque no Festival Islâmico de Mértola e na "Noche Flamenca" de Barrancos, atendendo às motivações e ao impacto de festas organizadas e promovidas por municípios e agentes culturais, na construção de futuros possíveis.

Palabras clave

Festivais, desenvolvimento sustentável, património cultural, relações transfronteiriças, raia luso-espanhola

Fecha de recepción: octubre 2018

Fecha de aceptación: agosto 2019

Fecha de publicación: diciembre 2019

Abstract

In the last decades, we have seen the emergence of festive invention as a factor of sustainable development in rural contexts, associated to the dissemination and promotion of cultural products and practices, which express different motivations. In Portugal and Spain, the relation between festivals, music and sustainable development has become an object of study, drawing on musical celebrations that allow for the creation of informal networks and participatory models among cultural agents, musicians and community members. With this text, I intend to question the phenomenon of festive invention in Baixo Alentejo as a strategy for sustainable development focusing on Mértola's Islamic Festival and Barrancos' "Noche Flamenca". In my analysis I take into account the motivations and impact of festivals organized and promoted by municipalities and cultural agents, in the construction of possible futures.

Keywords

Festivals, sustainable development, cultural heritage, cross-border relations, Portuguese-Spanish border

Received: October 2018

Acceptance Date: August 2019

Release Date: December 2019

Esta obra está sujeta a la licencia de Reconocimiento-NoComercial-SinObraDerivada 4.0 España de Creative Commons. Puede copiarla, distribuirla y comunicarla públicamente siempre que cite su autor y la revista que lo publica (TRANS-Revista Transcultural de Música), agregando la dirección URL y/o un enlace a este sitio: www.sibetrans.com/trans. No la utilice para fines comerciales y no haga con ella obra derivada. La licencia completa se puede consultar en http://creativecommons.org/choose/?lang=es_ES

This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International license. You can copy, distribute, and transmit the work, provided that you mention the author and the source of the material, either by adding the URL address of the article and/or a link to the web page: www.sibetrans.com/trans. It is not allowed to use the work for commercial purposes and you may not alter, transform, or build upon this work. You can check the complete license agreement in the following link: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Festas, música e desenvolvimento sustentável na raia do Baixo Alentejo¹

Dulce Simões (Universidade Nova de Lisboa)

A invenção festiva como estratégia de desenvolvimento sustentável

Na última década surgiram estudos, de diferentes disciplinas, que evidenciam o crescente número de festas e festivais como fatores de desenvolvimento sustentável em contextos rurais. Entre eles podemos citar, Getz (2007 e 2010), Ali-Knight et al. (2009), Costa (2012), Gibson e Connell (2012), Jepson e Clark (2015), Moreno Fernández (2015), Pestana (2009) e Brás (2016). Estes estudos estão pautados por três grandes discursos, ou linhas estruturantes de produção de conhecimento: (1) o discurso da antropologia e da sociologia, referente a papéis sociais, significados e impactos das festas na vida das comunidades; (2) o discurso dominado pela avaliação do impacto económico dos festivais no turismo, ao nível do planeamento e *marketing*, que originou uma considerável reflexão e teoria crítica pela clara mercadorização destes eventos; (3) o discurso empresarial, focado em elementos específicos da gestão de eventos, incluindo recursos humanos, riscos, logística e *marketing*, que ignora as razões socioculturais que justificam o surgimento de novas festas (Getz 2010). Autores como Gibson e Connell (2012) consideram os festivais importantes aliciantes de revitalização e dinamização económica, para o desenvolvimento de lugares em que os recursos produtivos escasseiam (2012: 201). Contudo, a análise da invenção festiva em contextos rurais deve partir de abordagens que questionem o poder do capitalismo global e o seu impacto na vida das comunidades. Isto implica um olhar atento às transformações do mundo rural, derivadas do “capitalismo tardio” / neoliberalismo (Comaroff & Comaroff 2001, Harvey 2007, Ortner 2011) e às suas implicações na cultura, que requer “o recurso à compreensão das correntes de força inerentes à reprodução capitalista, bem como das tendências que sublinham as experiências quotidianas” (Godinho 2017: 77). Como assinala David Harvey (2007) as transformações na agricultura, com o progressivo esgotamento dos bens comuns e a degradação de habitats que excluem todas as formas de produção agrícola distintas do sistema intensivo capitalista, traduz-se na mercadorização da natureza em todas as suas formas (2007: 176). Neste contexto, a mercadorização do património natural e cultural, como espetáculo e lazer, assim como a exploração da autenticidade e da criatividade popular, pressupõe atribuir um preço a coisas que na realidade nunca foram produzidas como mercadorias, como salienta Harvey (2007: 182).

O problema central relaciona-se com os beneficiários de um processo que conduz à desarticulação de um sistema de valores, que transforma os “recursos endógenos” de cada região em mercadorias transacionáveis a nível global, segundo uma lógica capitalista de desenvolvimento sustentável.² O termo “sustentável”, ao ser utilizado para definir ações e atividades humanas que

¹ Artigo realizado no âmbito do projeto de investigação “Los Festivales y Celebraciones Musicales como Factores de Desarrollo Socioeconómico y Cultural en la Península Ibérica”, coordenado por Susana Moreno Fernández, Universidad de Valladolid, financiado pelo Ministerio de Economía y Competitividad (HAR2013-46160-P), em articulação com o projeto de investigação “A cultura expressiva na fronteira luso-espanhola: continuidade histórica e processos de transformação socioculturais, agentes e repertórios na construção de identidades” (SFRH/BPD/89108/2012), que estou a desenvolver como bolsista pós-doutoral da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), financiada com fundos nacionais do MCTES.

² Por “recursos endógenos” entende-se o património arquitetónico rural e urbano, como fator estruturante da identidade regional; o património natural, designadamente o sistema agro-pastoril do montado de sobro; e o património etnográfico, representado pelo artesanato e o cante alentejano, reconhecido recentemente pela UNESCO como Património Cultural Imaterial da Humanidade (*Uma Estratégia de Especialização Inteligente para o Alentejo* 2014:

visam suprir as necessidades de subsistência das populações sem comprometer o futuro das gerações vindouras, gerou uma unanimidade e um consenso quase global.³ No entanto, a relação entre crescimento económico e sustentabilidade representa uma contradição, por o objetivo da sustentabilidade ser incompatível com um sistema capitalista global direcionado para a homogeneização cultural e a destruição ambiental (Norgaard 1997). Como assinala Barkin, “la pregunta es si en regiones subdesarrolladas los diversos grupos de población continuarán sobreviviendo y de qué manera” (2002: 185), porque a sustentabilidade não se relaciona apenas com a proteção ambiental ou a justiça social, mas com a sobrevivência das pessoas e das suas culturas. O problema pode-se formular a partir do relatório da Comisión Mundial de Cultura y Desarrollo de la UNESCO (1997), em que o antropólogo Marshall Sahlins colocava a seguinte pergunta:

¿Es la cultura un aspecto o un instrumento del desarrollo, entendido en el sentido de progreso material, o es el objetivo o la finalidad del desarrollo, entendido en el sentido de realización de la vida humana bajo sus múltiples formas y en su totalidad? (UNESCO 1997: 15).

A pergunta de Sahlins é pertinente, principalmente em regiões em que o património cultural é colocado ao serviço da denominada “indústria cultural e turística”, que se apresenta como eixo central do desenvolvimento regional dos países periféricos (Moreno 2002). Segundo alguns autores o turismo não representa uma via de desenvolvimento económico “sino un camino que conduce a la perpetuación de la dependencia socioeconómica y cultural, y en definitiva, al subdesarrollo” como assinala Hernández-Ramírez (2015: 5), fundamentado em estudos que questionam a mercadorização da cultura local ao serviço dos desejos de turistas consumidores. O que implica, em seu entender, que os recursos económicos e culturais existentes, e outros que possam ser recriados e inventados, “son transformados en productos para el consumo, destinados al mercado global que aniquila a cultura local” (Ibíd.: 8). Atualmente é impossível ignorar as repercussões dos valores transmitidos pela “indústria cultural e turística”, pelos contrastes que revela a coexistência da tradição e da modernidade, devido principalmente à desigualdade económica e social a nível global (Kirshenblatt-Gimblett 2004). Além disso, existe uma tendência para associar o desenvolvimento ao crescimento económico, que está baseado em padrões de consumo, e esquecer o desenvolvimento humano “que es aquél que sitúa a las personas en el centro y las hace protagonistas de su propio proceso de desarrollo, basándose en un enfoque de derechos humanos” (Millán Acevedo 2014: 673). Efetivamente, a mercadorização do “património cultural” (Lowenthal 1998, Choay 2001, Jeudy 2008), como fundamento do desenvolvimento sustentável em contextos rurais corresponde às exigências do mercado segundo duas perspetivas complementares: a globalização cultural e a heterogeneidade cultural por referência a identidades localizadas (Jeudy 2008).

Os programas europeus destinados a estimular a cooperação entre as regiões periféricas da União Europeia, como o INTERREG financiado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional, contemplam a valorização do património cultural e natural como suporte de base económica da região transfronteiriça.⁴ As políticas supranacionais determinam os eixos prioritários de uma lógica

54).

³ O conceito de “desenvolvimento sustentável” aplicado ao desenvolvimento socioeconómico formalizou-se em 1987, num documento conhecido por Relatório Brundtland, intitulado *Nosso Futuro Comum* (Our Common Future), elaborado pela Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento das Nações Unidas. Esta definição foi assumida no Princípio 3.º da Declaração da Cimeira do Rio (ECO-92), ou Cimeira da Terra, e entrou nas propostas estratégicas de desenvolvimento a aplicar aos países subdesenvolvidos, despojados dos seus recursos naturais e ambientais pelas empresas multinacionais.

⁴ Ver resumo do programa INTERREG V-A ESPANHA-PORTUGAL (POCTEP). https://www.adcoesao.pt/sites/default/files/cooperacao_territorial_europeia/poctep_espanha_portugal/poctep_resumo_cidadao.pdf [Consulta: 15 de Abril

mercantil de “desenvolvimento sustentável”, de exploração dos recursos naturais, materiais e imateriais ao serviço do turismo e do lazer.⁵ Mas são as câmaras municipais, a Entidade Regional de Turismo do Alentejo e Ribatejo e a Associação de Municípios do Baixo Alentejo e Alentejo Litoral – Comunidade Intermunicipal do Baixo Alentejo os principais agentes do desenvolvimento local e regional. A invenção festiva na raia do Baixo Alentejo surge neste contexto de patrimonialização e turistificação, e pode ser observada como uma estratégia de dinamização económica dos municípios, através da criação de lugares imaginados como destinos culturais e turísticos atrativos.⁶ Na linha de Prista (2013) é necessário pensar o turismo como construção de um sentido de lugar, pois as perceções sociais sobre o património e o turismo fundem-se com representações do passado que atribuem visibilidade a processos de construção da tradição na diversidade cultural e social do lugar, como veremos mais adiante no caso do Festival Islâmico de Mértola. Neste sentido, o fenómeno da invenção festiva só pode ser compreendido na sua especificidade local, atendendo à “dialética entre o abstrato e o formal, o tangível e o informal, o universal e o específico, o desterritorializado e o territorializado”, como sugere Eriksen (2016: 207).

Com este propósito analiso a 9ª edição do Festival Islâmico de Mértola (celebrada em 2017) e a 15ª “Noche Flamenca” de Barrancos (realizada em 2015) a partir de uma etnografia intensiva e extensiva realizada na última década na raia do Baixo Alentejo, atendendo às particularidades do contexto socioeconómico, cultural e territorial do espaço onde se inscrevem, e às práticas dos seus organizadores. A etnografia mostra-nos que as pessoas vivem em mundos com significados culturais e em circunstâncias materiais diversas, que nos permitem problematizar, por exemplo, de que forma as políticas europeias de desenvolvimento regional são aplicadas em contextos locais. Isto significa que as pessoas percecionam e agem sobre os processos de turistificação e mercadorização da cultura de maneiras muito diferenciadas. Designadamente em função dos materiais culturais de que dispõem, das posições sociais que ocupam no lugar de pertença, das características desse lugar, e da posição que este ocupa a nível regional, nacional e internacional. A partir destes argumentos questiono o fenómeno da invenção festiva na raia do Baixo Alentejo como estratégia de desenvolvimento sustentável, atendendo às motivações e ao impacto de festas organizadas e promovidas por municípios e agentes culturais, na construção de futuros possíveis.

Contexto socioeconómico e cultural da raia do Baixo Alentejo

As populações raianas do Baixo Alentejo partilharam com os vizinhos espanhóis da Extremadura e da Andaluzia um processo histórico similar, marcado por condições políticas, socioeconómicas e culturais, para as quais contribuíram a influência árabe na península, a conquista cristã, o repovoamento por intervenção das ordens militares e religiosas, o sistema de vida pastoril e a agricultura como principais atividades económicas (Medina García 2006). No séc. XIX a política de desamortizações concentrou a propriedade num grupo social restrito em ambos os lados da fronteira, que favoreceu o subaproveitamento agrícola e as assimetrias sociais (Barros 1980, Cutileiro 2004). Num passado anterior aos fluxos migratórios dos anos sessenta e ao “declínio da

de 2017].

⁵ A Euro-região EUROAAA (Alentejo, Algarve e Andaluzia) apresenta como principais referenciais de cooperação transfronteiriça: (v) património, cultura e turismo; (viii) meio ambiente, património e envolvente natural. <https://www.euroaaa.eu/site/node/36> [Consulta: 15 de Abril de 2017].

⁶ Ver *Uma Estratégia Regional de Especialização Inteligente para o Alentejo* (2014), que apresenta como eixos estratégicos: (1) atratividade económica, valorizando uma economia assente nos recursos endógenos e nas atividades emergentes de elevado índice tecnológico; (2) valorização da identidade cultural e patrimonial; (3) responsabilidade social (2014: 9, e seguintes).

agricultura”, analisada por Baptista (1996), as classes subalternizadas complementaram a subsistência económica na agricultura com o contrabando, como mostram os estudos de vários autores.⁷ Esta atividade consolidou relações de interdependência económica, que uniram os dois lados da fronteira numa cultura de resistência aos estados ibéricos (Cairo Caro et al. 2009, Godinho 2011, Simões 2013).⁸ Com a adesão de Portugal e Espanha à CEE (1986) e a “Europa de Schengen” (1992), a vida das populações raianas sofreu profundas alterações pela perda da “tradicional funcionalidad geo-logística y geo-económica” (Podadera Rivera e Calderón Vázquez 2014: 25), alicerçada em fluxos de pessoas e em trocas formais e informais que consolidaram relações de interdependência económica.



Figuras 1 e 2. Zona de estudo demarcada pela autora no mapa Portugal/Espanha da União Europeia.

Desde o Tratado de Maastricht (1992) que o turismo passou a ser oficialmente reconhecido como um dos eixos fundamentais do desenvolvimento nas periferias rurais da Europa, entre as quais se encontram as zonas fronteiriças dos estados ibéricos. O desenvolvimento do turismo estaria vinculado à promoção de uma consciência regional, e refletiria a ambição de promover a integração através das fronteiras internas da União Europeia (Prokkola 2007: 124). A política regional europeia, especialmente o programa de cooperação transfronteiriça INTERREG, o processo de institucionalização das áreas fronteiriças e a sua projeção como espaços imaginados de oportunidade económica converteram a fronteira luso-espanhola num espaço desarticulado, heterogéneo e diversificado.

El espacio de cooperación transfronteriza de España y Portugal se caracteriza por tener una relativa debilidad demográfica, expresada territorialmente en bajas densidades de población (40 hab./km), un mayor grado de envejecimiento y bajos índices de accesibilidad por carretera y por ferrocarril, que le confieren un claro carácter rural. (...) Todo ello convierte al espacio de cooperación en un área de las menos desarrolladas de Europa, constatándose un claro predominio de NUTs 3 con un PIB por debajo del 75% de la media comunitaria (*Resumen del Diagnóstico Socioeconómico de la zona de Cooperación* 2013: 1).

⁷ Ver Valcuende del Río (1998), Cunha (2006), Medina García (2006), Freire *et al.* (2009), Godinho (2011), Rovisco (2013), Simões (2013).

⁸ Na linha de Manuel Castells, a cultura de resistência é forjada por agentes sociais que, ao se encontrarem em condições subalternizadas ou desvalorizadas pela lógica da dominação, constroem estratégias de sobrevivência baseadas em princípios diferentes daqueles que impregnam as instituições da sociedade (1998: 31).

Ao envelhecimento e desertificação do território corresponde o desaparecimento da memória coletiva dos grupos, associada a práticas da cultura, a que os poderes políticos contrapõem uma memória social patrimonializada e turistificada ao serviço do desenvolvimento local. As perguntas que surgem em relação a uma fronteira em transformação são múltiplas. O certo é que o desaparecimento da fronteira política não parece corresponder ao desaparecimento da fronteira cultural, que adquire, cada vez mais, novas significações. No guia turístico *Roteiros do Baixo Guadiana* a fronteira representa uma nova perspectiva territorial “enquadrada em programas comunitários, que estão a permitir a criação de uma identidade territorial entre as três regiões que integram o Baixo Guadiana, Algarve, Baixo Alentejo e Andaluzia” (*Roteiros do Baixo Guadiana* 2013: 8). O espaço territorial, recriado e substancializado pelo património material, natural e imaterial, obedece a um discurso institucional orientado para uma estratégia turística conjunta, seduzida pela “nostalgia que se apegava a um mundo a ponto de desaparecer” (Certeau 1996: 190), ao serviço do “turismo cultural” (Choay 2001).

As populações raianas vivem um tempo de novas modalidades relacionais e de “revitalização festiva” (Boissevain 1992) com “invenções de tradições” (Hobsbawm e Ranger 1983) por parte dos municípios e agentes culturais que tentam resistir ao fenómeno ilustrado pela demografia e pelos diagnósticos socioeconómicos da União Europeia.⁹ Na atualidade, a fronteira luso-espanhola representa um espaço recreado pela nova “mitologia turística” e pelos fluxos de pessoas (turistas e excursionistas) que a transformam num espaço de diversão. Neste contexto os agentes locais reinventam e reafirmam identidades (Castells 1998), e “produzem ficções de si próprios” (Pais de Brito 2006) para atraírem forasteiros e traduzirem-se numa imagem competitiva com outros lugares, de forma a combaterem a deslocação cultural associada ao processo globalizador (Gibson e Connell 2012). A invenção festiva, baseada em produtos e práticas culturais, transformou as fronteiras políticas em “produtos turísticos”, como sugerem alguns autores (Leizaola 2006, Silva 2007, Cunha 2010, Rovisco 2011, Godinho 2011 e 2012). No caso da raia galaico-portuguesa, Paula Godinho (2014) assinala que os municípios raianos têm substituído “as redes informais do passado” por modelos de cooperação que “atualizam o lugar da fronteira” (2014: 197). Susana Moreno Fernández (2015) no seu estudo sobre os festivais na zona fronteiriça do nordeste transmontano indica que “se trata de iniciativas que contribuyen al desarrollo del turismo rural y del ecoturismo, como opción viable de conservación del patrimonio natural y cultural” (2015: 10).

Os municípios raianos do Baixo Alentejo são os principais empregadores locais e debatem-se com problemas estruturais, como o desemprego e a desertificação. Desde 2011 assumiram múltiplas ações na área de apoios sociais às populações, que não são da sua competência, mas do Estado.¹⁰ Nomeadamente o fornecimento de refeições, transportes, apoios em medicamentos e rendas de casa, a desempregados, idosos, crianças e deficientes (*A ANMP e a atual situação do poder local em Portugal* 2012: 1). A reprodução da maior parte das famílias depende de trabalhos precários nos serviços, na agricultura e na pecuária, de contratos temporários no estrangeiro, de

⁹ “(...) en la raya ibérica existe una importante red de patrimonio arqueológico, arquitectónico, cultural, paisajístico y ambiental de enorme trascendencia y potencial como elementos de desarrollo. Cuenta con 8 sitios considerados como Patrimonio de la Humanidad por la UNESCO, y numerosos Bienes de Interés Cultural (BIC), que actúan como factores de atracción turística y desarrollo local. (...)” (*Resumen del Diagnóstico Socioeconómico de la zona de Cooperación* 2013: 3).

¹⁰ Deve-se a este contexto o memorando de entendimento entre o Governo Português, o FMI, o BCE e a Comissão Europeia (Troika), datado de 17 de Maio de 2011, visando um programa de ajustamento económico que contribuiu para o empobrecimento do Estado e das populações.

pensões de reforma, de subsídios de inserção social e de rendimentos provenientes de poupanças da emigração.

Municípios	Moura	Barrancos	Serpa	Mértola
Superfície em km ²	958,5	168,4	1 105,6	1 292,9
População residente	14 717	1 775	15 421	6 909
Densidade populacional por km ²	15,4	10,5	13,9	5,3
Desempregados inscritos no centro de emprego (% da pop.)	16,8%	15,1%	12,2%	9,6%
Pensionistas da Seg. Social (% da pop.)	49,1%	46,9%	48,3%	58,7%
Beneficiários de Rendimento Social de Inserção (% da pop.)	12,4%	5,2%	6,3%	2,6%

Figura 3. Dados estatísticos dos municípios raianos do Baixo Alentejo (2013). Fonte: PORDATA.¹¹

Os programas supranacionais de desenvolvimento das regiões periféricas da Europa conduziram a processos de patrimonialização e turistificação da fronteira luso-espanhola. Os municípios raianos reinventaram-se numa lógica de promoção turística e criaram ficções de si próprios, expressas em *slogans* como: “Moura - Encanto Natural, Encanto Interior”; “Barrancos - Terra Única”; “Serpa - Terra Forte” e “Mértola - Vila Museu”. As festas apelam igualmente a imaginários diferenciados e complementam a oferta, basicamente centradas: (1) na divulgação de produtos (vinho, queijo, pão, presunto, enchidos e ervas aromáticas), essenciais à dinamização económica local; (2) no aproveitamento do património natural (hídrico e paisagístico); (3) na reafirmação do património cultural (etnográfico e musical); (4) na recriação de identidades locais, transfronteiriças e transnacionais.¹² Todos estes componentes fazem parte da oferta turística, não ainda como sectores autónomos de desenvolvimento económico, mas como uma forma aglutinadora de reunir recursos, como acontece no caso do Festival Islâmico de Mértola.

O Festival Islâmico de Mértola

Na esteira de Donald Getz (2007) os festivais são celebrações temáticas de carácter público, normalmente com periodicidade anual, que reúnem as pessoas em torno de diversos objetivos, como a diversão, o entretenimento, a partilha de conhecimento e afetos, de forma a escaparem da

¹¹ Pesquisa realizada na PORDATA-Fundação Francisco Manuel dos Santos. Números dos municípios e regiões de Portugal. 2013. Quadros-resumo de Moura, Barrancos, Serpa e Mértola [Consulta: 31 de Março de 2017]:

[http://www.pordata.pt/Municipios/Quadro+Resumo/Moura+\(Munic%3%adpio\)-7982](http://www.pordata.pt/Municipios/Quadro+Resumo/Moura+(Munic%3%adpio)-7982);

[http://www.pordata.pt/Municipios/Quadro+Resumo/Barrancos+\(Munic%3%adpio\)-7868](http://www.pordata.pt/Municipios/Quadro+Resumo/Barrancos+(Munic%3%adpio)-7868);

[http://www.pordata.pt/Municipios/Quadro+Resumo/Serpa+\(Munic%3%adpio\)-8075](http://www.pordata.pt/Municipios/Quadro+Resumo/Serpa+(Munic%3%adpio)-8075);

[http://www.pordata.pt/Municipios/Quadro+Resumo/M%3%a9rtola+\(Munic%3%adpio\)-8107](http://www.pordata.pt/Municipios/Quadro+Resumo/M%3%a9rtola+(Munic%3%adpio)-8107).

¹² Como exemplos destaco os seguintes, acompanhados das respectivas datas de início: “Feira do Mel, Queijo e Pão” (Mértola, 1998); “Festa do Vinho e da Vinha” (Amareleja-Moura, 2001); “Festival do Peixe do Rio de Pomarão” (Mértola, 2002); “Encontro de Culturas” (Serpa, 2002); “Feira do Queijo do Alentejo” (Serpa, 2007); “ExpoBarrancos – a grande feira da raia” (Barrancos, 2007); “FATOR – Feira de Artes e Ofícios da Raia” (Vila Verde de Ficalho-Serpa, 2007); “Festival Cultural Ervançum” (Santo Amador-Moura, 2008) e “Festival do Peixe do Rio e do Pão” (Moura, 2012).

rotina diária e procurarem novas experiências (2007: 31). O Festival Islâmico de Mértola (de periodicidade bienal) enquadra-se nos designados “festivais comunitários”, pela planificação envolver a comunidade local para celebrar a sua cultura (Jepson e Clarke 2015: 3). Corresponde igualmente aos princípios orientadores do turismo de base comunitária, traçados pelos responsáveis do município de Mértola como estratégia de desenvolvimento sustentável. Mértola é uma vila raiana, sede de concelho com 6.909 habitantes e uma densidade populacional de 5,3 habitantes por km² (PRODATA 2013), pertencente ao distrito de Beja, região do Alentejo, sub-região do Baixo Alentejo.¹³ Num contexto rural desertificado, envelhecido e economicamente desarticulado, uma das razões para a regularidade de festividades, segundo o vice-presidente do município, “é promover os produtos e as entidades locais, que são essenciais para a dinâmica económica do concelho e para a melhoria da qualidade de vida dos seus habitantes” (João Serrão Martins, vice-presidente do município de Mértola, 13 de Abril de 2017).¹⁴

A invenção do Festival Islâmico em 2001 foi legitimada pelos estudos arqueológicos do legado islâmico do séc. XII, desenvolvidos desde 1978 por uma equipa de investigadores coordenada por Cláudio Torres, no Campo Arqueológico de Mértola (CAM).¹⁵ Para João Serrão Martins, trata-se de um projeto estruturante de salvaguarda, valorização e promoção do património cultural de herança islâmica, “assente num prolongado trabalho de investigação científica capaz de promover o encontro entre diferentes povos, culturas e credos, e simultaneamente uma oportunidade de desenvolvimento para o concelho de Mértola” (João Serrão Martins, 13 de Abril de 2017). O festival está sustentado em parcerias estratégicas estabelecidas pelo município e na equipa interdisciplinar do CAM, constituída em torno do património cultural. O objetivo inicial do festival era envolver a comunidade na divulgação das artes e saberes que constituem a herança cultural local, como estratégia de dinamização económica de base comunitária, que atraísse visitantes fora da lógica de turistificação (Cláudio Torres, diretor do CAM, 19 de Maio de 2017).¹⁶ Ao longo dos anos, o festival extravasou as motivações iniciais (académicas, científicas, museológicas, culturais e pedagógicas) que orientaram a sua criação, para assumir-se progressivamente como um produto cultural de carácter turístico, com forte impacto na economia local e regional (João Serrão Martins, 13 de Abril de 2017). Em 2015 recebeu o “Prémio de Melhor Evento”, atribuído anualmente pela Entidade Regional de Turismo do Alentejo e Ribatejo, pelo contributo para o desenvolvimento turístico da região, por atrair e despertar o interesse de milhares de visitantes nacionais e estrangeiros.¹⁷

¹³ O concelho de Mértola é limitado a norte pelos municípios alentejanos de Beja e Serpa, a oeste por Almodôvar e Castro Verde, a leste pelo município de Huelva (Espanha) e a sul por Alcoutim (região do Algarve).

¹⁴ João Serrão Martins tem funções de coordenação do Serviço de Recrutamento e Desenvolvimento Organizacional, da Secção de Administração de Pessoal, do Serviço de Informática -Tecnologias de Informação e Comunicação, dos Setores da Cultura e Ação Social, e do Gabinete de Comunicação, Imagem e Multimédia.

¹⁵ O Campo Arqueológico de Mértola (CAM) foi criado em 1978 para desenvolver uma investigação científica multidisciplinar no âmbito das ciências sociais e humanas. Os grupos de trabalho, para além do interesse pela história e arqueologia, têm-se dedicado à história local, ao património histórico, à herança artística e cultural, à museologia e à antropologia física, visando ações de desenvolvimento local. <http://www.camertola.pt/>. [Consulta: 15 de Abril de 2017].

¹⁶ Cláudio Torres (Tondela, 1939) é fundador do Campo Arqueológico de Mértola, diretor da revista *Arqueologia Medieval*, e membro do Concelho Consultivo do Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico (IGESPAR) desde 2006. <http://www.camertola.pt/autor/cl%C3%A1udio-torres-0>. [Consulta: 15 de Abril de 2017].

¹⁷ Agenda Cultural abr | mai | jun (2017: 7). <http://www.cm-mertola.pt/municipio/comunicacao-municipal/agenda-cultural/item/2093-agenda-cultural-abr-mai-jun-2017>. [Consulta: 17 de Junho de 2017].

Recreando espaços, tempos e identidades culturais

A organização do Festival Islâmico é da responsabilidade da Câmara Municipal de Mértola.¹⁸ O planeamento, programação e montagem dependem do trabalho dos funcionários municipais, da colaboração dos parceiros locais (públicos e privados) e das redes informais consolidadas pelos responsáveis autárquicos com a Comunidade Islâmica de Granada (Andaluzia), e os municípios de El Granado (Huelva) e Chefchaouen (Marrocos). Os parceiros locais (associações, empresas, instituições e população) colaboram no evento de forma a dinamizarem e explorarem todas as potencialidades dos espaços naturais, patrimoniais, culturais e comerciais. Segundo João Serrão Martins, trata-se de “um evento consensual”, por reunir a participação de associações locais, grupos musicais, escolas e população. Neste processo destaca-se o papel chave de indivíduos e grupos, motivados pelo entusiasmo em colaborar num evento que transcende o âmbito puramente económico. Embora o objetivo geral seja a promoção turística da vila, o festival estimula a criatividade coletiva, ao servir de plataforma de materialização de novas ideias. Uma das inovações da 9ª edição do Festival Islâmico de Mértola foi a criação do pórtico instalado no Largo Vasco da Gama, inspirado, assim como todos os materiais gráficos, na coleção museológica de cerâmica do período islâmico.



Figura 4. Pórtico de entrada no mercado (*souk*), Largo Vasco da Gama. Fotografia da autora, 2017

Durante os quatro dias do festival (celebrado entre 18 e 21 de Maio de 2017) a vila de Mértola reinventou-se como porto ocidental do Mediterrâneo, que atingiu o auge da sua função mercantil durante o período islâmico (séc. XII), segundo uma política cultural de encontro de culturas. No processo de invenção festiva o município de Mértola encontrou na Comunidade Islâmica de Granada (Andaluzia) um parceiro fundamental, que contribuiu para a “autenticidade” do evento em diversas áreas. Uma delas é o mercado (*souk*), instalado nas ruas da zona histórica, que transformou simbolicamente o espaço e o quotidiano da vila alentejana num lugar que apela à diversidade cultural e ao exotismo. Ao trazer artesãos e grupos familiares, a Comunidade Islâmica de Granada colaborou e participou na criação de uma ambiência familiar e comunitária, escorada

¹⁸ Site oficial do Festival Islâmico de Mértola. <http://www.festivalislamicodemertola.com/>. [Consulta: 10 de Abril de 2017].

na cooperação e na reciprocidade. No *souk* encontramos mais de uma centena de expositores, produtores locais de mel, queijo e pão, e diversos artesãos originários de outros lugares do Alentejo, de Espanha e do norte de África, que lado a lado partilham experiências e proventos.¹⁹

A cooperação entre o município de Mértola e a Comunidade Islâmica de Granada também se verificou na organização de diversas atividades culturais. Um dos exemplos mais significativos no festival de 2017 foi a conferência “O Islão: suas leis divinas e humanas” proferida por Ahmed Bermejo, Imam Jatib da Mesquita Maior de Granada. A conferência, juntamente com iniciativas expositivas, literárias, rituais e musicais, contribui para a divulgação e conhecimento do mundo islâmico e da sua cultura, e “representam motivos de orgulho” para Jalid Nieto, diretor de Comunicação da Fundación Mezquita de Sevilla” (Guita 2017).

Durante o festival, o *slogan* “Mértola - Vila Museu” adquire particular significado, pela forma como as portas dos museus municipais, das associações culturais e de algumas casas particulares se abrem aos forasteiros, para divulgarem e partilharem a história, as memórias, as sonoridades e os sabores que celebram e exaltam a cultura das gentes do sul, vinculada aos imaginários do antigo Al-Andalus. Os visitantes podem disfrutar de alojamentos e da diversidade gastronómica disponibilizada quer pela hotelaria e restauração, quer pelos habitantes locais, para além de passeios de barco pelo rio Guadiana, passeios de burro e percursos pedestres organizados por associações locais e particulares. O público pode visitar gratuitamente exposições museológicas, fotográficas e de artes plásticas, assistir a sessões de cinema documental, *workshops*, lançamento de livros, conferências e espetáculos musicais.

A música esteve sempre presente, inclusive na cerimónia de abertura do festival, que decorreu no Largo Vasco da Gama com a presença de representantes autárquicos alentejanos, andaluzes e marroquinos, e da Comunidade Islâmica de Granada. Após os discursos alusivos ao significado cultural do festival, simbolicamente reiterado pela inauguração da escultura “3 Culturas”, da autoria do artista plástico Silvestre Raposo, natural de Aldeia Nova de São Bento (Serpa), assistimos à performance “Dança Duende e Coreosofia” pelos bailarinos internacionais Michel Raji e Yumma Mudra.²⁰ A música constituiu mais um dos atrativos do festival, em animações de rua, concertos e espetáculos que misturavam as sonoridades da música tradicional alentejana e do Magreb com o *rock*, o flamenco e o fado.

A programação musical está planeada de forma a não existirem sobreposições de espetáculos, que decorrem em espaços distintos: (1) o palco principal, montado no cais junto ao rio Guadiana; (2) o palco na Praça Luís de Camões, frente à Câmara Municipal; (3) o palco no Largo da Misericórdia, junto ao Museu de Arte Islâmica, no centro histórico da vila. Os artistas são escolhidos numa lógica de promoção dos grupos musicais locais, e de intercâmbio entre músicos portugueses e estrangeiros. As parcerias culturais, principalmente com o município de Chefchaouen (Marrocos), asseguram a participação de agrupamentos musicais que permitem à comunidade e aos visitantes conhecer artistas oriundos do Magreb, alguns com percursos internacionais.

O primeiro espetáculo realizou-se na Praça Luís de Camões, com a atuação dos músicos portugueses Sebastião Antunes e Bruno Baptista (Lisboa), e foi dedicado à poesia de Omar Khayyam [Nichapur (Pérsia, atual Irão) 1048 - 1131], poeta, matemático e astrónomo cuja obra serviu de mote

¹⁹ A participação no *souk* obedece a um regulamento previamente divulgado, que estabelece os princípios orientadores do festival e os critérios de seleção dos participantes. <http://www.festivalislamicodemertola.com/data/uploads/pdf-docs/regulamento-festival-islamico.pdf>. [Consulta: 10 de Abril de 2017].

²⁰ Ver excerto do registo audiovisual realizado no trabalho de campo, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SeZVWTLwLJQ>. [Consulta: 29 de Maio de 2017].

à 9ª edição do festival.²¹ O espetáculo entreteceu a música e a dança com a poética dos *Rubaiyat*,²² como expressões culturais mediadoras entre o passado e o presente. Na segunda noite do festival, o músico alentejano Pedro Mestre, acompanhado pelo Rancho de Cantadores de Aldeia Nova de S. Bento (Serpa), estreou o palco principal com as sonoridades do cante alentejano, género musical reconhecido em 2014 como Património Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO. Na noite de sábado, o espetáculo no palco principal foi aberto com o concerto de Hamid Ajbar Sufi Ensemble (Marrocos), e encerrado com o grupo nigeriano Kel Assouf. Anana Harouna, fundador dos Kel Assouf, nasceu em Agadèz (Nigéria) e participou na primeira rebelião tuaregue dos anos 90, contra os Estados do Mali e da Nigéria, uma rebelião que teve por objetivo reivindicar os direitos das populações nómadas do Sahara. Anana Harouna usa atualmente a música e a guitarra como armas de protesto, por meio de um repertório de música tradicional Tuareg entretecida pelo rock, para traduzir a violência, a luta do povo Tuareg e as guerras pela dominação do petróleo que permanecem como campos de batalha.

As repercussões de um encontro de culturas

As repercussões socioeconómicas e culturais do festival são incomensuráveis, e não existem estudos académicos ou relatórios municipais que as determinem, apesar das expectativas do presidente do município apontarem para 50.000 visitantes.²³ A rentabilização dos recursos endógenos, a participação colectiva e a criação de “capital social” (Bourdieu 2001) são elementos estruturantes do Festival Islâmico, pela capacidade de o transformarem num produto significativo para o desenvolvimento do tecido económico e cultural. O “capital social” define-se de acordo com Bourdieu, como o somatório dos recursos acumulados pelos agentes locais, graças a uma rede de relações estáveis. No artigo alusivo ao balanço da 9ª edição do festival, publicado no *Boletim Municipal* podemos ler:

A Câmara Municipal, entidade organizadora, agradece a todos os que escolheram visitar Mértola nesta ocasião, aos residentes, naturais do concelho e funcionários que se empenharam para que o Festival Islâmico fosse uma festa e um momento de união de culturas único. A Câmara Municipal já está a preparar a 10.ª edição do Festival Islâmico de Mértola, a ter lugar em maio de 2019 (*Boletim Municipal*, nº 45, Julho/2017, p.10).

Para as pessoas que participam nesta rede, os aspetos mais significativos do festival estão diretamente relacionados com a afirmação identitária da cultura local, e a interação social que o legado islâmico do passado pode proporcionar no presente aos membros das respetivas comunidades. Como assinalam Gibson e Connell, é precisamente no contexto rural que as repercussões dos festivais são mais evidentes e positivas, porque independentemente dos resultados económicos não serem significativos, é provável que sejam os próprios residentes os mais beneficiados (2012: 201). Nídia Brás, no seu estudo sobre o Festival Islâmico de 2015, reforça esta ideia, ao concluir que existe “neste festival uma aproximação dos povos e uma troca de culturas, proporcionando a residentes e visitantes, experiências únicas que contribuem para a sua satisfação” (Brás 2016: 108). Neste sentido, ao ser idealizado e materializado por agentes culturais

²¹ Sobre Omar Khayyam ver, por exemplo: Alfredo Braga. *Sobre as traduções dos Rubaiyat de Omar Khayyam*. <http://alfredo-braga.pro.br/poesia/rubaiyat.html> [Consulta: 25 de Maio de 2017].

²² *Rubaiyat* foi o termo usado por Edward Fitzgerald (1809 - 1883) na tradução de uma seleção de poemas, originalmente escritos em persa, atribuídos a Omar Khayyam (1048 - 1131). Um *rubai'i* é uma estrofe de duas linhas, com duas partes (hemistíquios) cada, o nome *Rubaiyat* (quarteto), deriva da palavra "quatro" em árabe.

²³ As expectativas do presidente da Câmara de Mértola apontavam para “um número enorme de visitantes, talvez mais de 50 mil”. *Diário do Alentejo*, 19.05.2017. <http://da.ambaal.pt/noticias/?id=10873> [Consulta: 21 de Junho de 2017].

socialmente implicados na criação de um “passado significativo” (Williams 1977: 115-116),²⁴ representa uma experiência comunitária intercultural, assente na sociabilidade festiva e na cooperação. A cooperação, como elemento estruturante e ponto de convergência de pessoas, representa uma estratégia de sobrevivência alicerçada na experiência e participação coletiva. As estratégias de sobrevivência representam um fator estruturante da cultura de resistência das gentes raianas, que parece converter-se no eixo de uma “identidade-projecto” (Castells 1998: 34), quando os agentes sociais, baseando-se nos materiais culturais de que dispõem, constroem uma identidade cultural que define a sua posição no mundo globalizado, e, ao fazê-lo, procuram uma via para o desenvolvimento sustentável por meio de “práticas possíveis” (Godinho 2017).

Recreando relações transfronteiriças: imaginários do flamenco

As populações raianas do Baixo Alentejo partilharam ao longo do tempo as sonoridades do flamenco nas festas e romarias dos vizinhos espanhóis, que constituem ainda espaços de sociabilidade e de convívio familiar. O flamenco, como prática cultural dita tradicional foi conformado por saberes e expressões, em que a transmissão oral teve um papel importante na sua propagação e perpetuação (Cruces Roldán 2012). Desta forma está presente, mesclado com outros géneros mais folclóricos, como as sevilhanas, em múltiplas festas populares da Andaluzia, em festividades religiosas, feiras de gado e romarias, e em lugares de encontro de música e baile, como referente identitário andaluz (Agudo & Moreno 2012). Na atualidade, o baile de sevilhanas atrai as gerações mais jovens da raia do Baixo Alentejo, principalmente do género feminino, que criaram uma diversidade de grupos, espetáculos e experiências performativas. A dimensão anatómica e fisiológica do baile, e as suas práticas materiais, podem ser apreendidas mediante conceitos teóricos estruturantes como os de classe social, etnicidade, género e sociabilidade, princípios que nos ajudam “a superar la contemplación del baile como una mera evidencia ajena a los procesos culturales que articulan su morfología”, como propõe Cristina Cruces Roldán (2015: 76).

O primeiro grupo de baile nasceu no ano 2000, em Barrancos, o município mais periférico do Distrito de Beja (Baixo Alentejo).²⁵ Na década de 1990 o município iniciou o processo de construção de um “passado significativo” (Williams 1977), alicerçado nos laços históricos e culturais que uniam os barranquenhos aos vizinhos espanhóis, numa versão que ratificava a continuidade de relações fronteiriças alicerçadas na solidariedade e na reciprocidade (Simões 2013). Nos finais da década de 1990 Daniela Carvalho (Barrancos, 1985) fazia parte do grupo de amigas (com idades compreendidas entre os 12 e os 13 anos) que decidiram frequentar as aulas de sevilhanas na Escola Básica Integrada de Barrancos (EB1), lecionadas por uma professora de história, natural de Lisboa, que esteve temporariamente colocada em Barrancos. Inicialmente o grupo era composto por dez jovens do género feminino, que demonstraram entusiasmo pela prática do baile. As colaborações em iniciativas culturais dos “Enguripitados” (associação juvenil de Barrancos) deram visibilidade ao grupo, que participou em diversas festas organizadas pelo município e pela Escola EB1. A transferência da professora levou as jovens a manifestarem, junto da vice-presidente do município,

²⁴ Raymond Williams (1977) afirma que numa determinada cultura alguns significados e práticas do passado são seleccionadas, enquanto outras são negligenciadas ou excluídas. Esta seleção é apresentada, e geralmente passa com êxito por “tradição” ou “passado significativo”. O “passado significativo” é, nesse sentido, um aspecto da organização social e cultural contemporânea, no interesse de um grupo ou classe específica, como uma versão do passado que pretende conectar-se e ratificar o presente, oferecendo um sentido de continuidade (Ibíd.: 115-116).

²⁵ Barrancos é limitado a norte pelos municípios de Oliva de la Frontera e Valencia del Mombuey (Badajoz) e a leste por Encinasola (Huelva). A sul e oeste é limitado pelo município de Moura (Baixo Alentejo) e a noroeste por Mourão (Alto Alentejo).

o interesse em aperfeiçoar a arte da dança, cujos referentes identitários correspondiam à “cultura raiana” preconizada pelas políticas culturais do município. A fim de satisfazerem o pedido das jovens os responsáveis municipais acionaram as redes de relações com os vizinhos andaluzes, como recordou Isabel Sabino, vice-presidente do município de Barrancos, a 26 de Agosto de 2015: “Fui com o senhor presidente a Aroche contratar a Ana Castilla, que já tinha um grupo de sevilhanas em Cortegana e dava aulas noutros lugares”. A professora e bailarina Ana Castilla (Cortegana, 1972) fizera a sua formação em escolas de flamenco de Sevilha e Huelva e regressara a Cortegana em 1988, para fundar a Escuela de Baile Ana Castilla. A partir da escola criou uma rede de ensino em povoações da Sierra de Aracena e Picos de Aroche (Huelva), mas foi o trabalho desenvolvido com as jovens de Barrancos que lhe permitiu alargar a sua rede de influência às povoações raianas alentejanas, como veremos mais adiante.²⁶

Em Agosto do ano 2000 o grupo de baile “Alma Raiana” estreou-se publicamente nas festas da vila de Barrancos, sendo o nome escolhido pela madrinha do grupo, a vice-presidente do município. O grupo era composto por sete bailarinas, que dançavam sevilhanas, rumbas, fandangos, alegrias e pasodobles. A partir de 2001 organizaram o espetáculo “Noche Flamenca”, para proporcionarem à comunidade momentos de convívio e sociabilidade através da dança, inovando sempre as suas atuações. A 14 de Maio de 2004, as jovens bailarinas criaram a associação com o mesmo nome e o *blog* “O Cantinho das ‘Alma Raiana’”, para divulgar a arte do baile e promover o grupo.²⁷ Entre 2001 e 2009 participaram em diversos espetáculos de norte a sul de Portugal, e em Espanha. Atuaram em casamentos, festas locais, campanhas políticas, para os ex-presidentes da república Jorge Sampaio e Aníbal Cavaco Silva, em programas da Radiotelevisão Portuguesa (RTP1), no Natal dos Hospitais do Alentejo e no Hospital Garcia da Horta, em Almada. Daniela Carvalho, uma das bailarinas do grupo, que atualmente dirige a Escola de Baile de Safara (Moura – Baixo Alentejo) recordou com emoção que “o êxito foi tanto, que até em 2009, ano em que o grupo terminou, as contratações não pararam” (Daniela Carvalho, 4 de Outubro de 2015). O grupo terminou porque as jovens saíram de Barrancos para continuarem os estudos e construírem as suas vidas, como acontece com todos os jovens que não encontram alternativas de futuro nas suas localidades. Como recordou Daniela: “Entretanto casámos, e algumas de nós já têm filhos. Nos casamentos de cada uma fizemos sempre pequenas atuações, para recordar os velhos tempos, em que nosso hino antes das atuações era: uma por todas e todas por uma” (Daniela Carvalho, 4 de Outubro de 2015).

O Grupo de Baile “Alma Raiana” foi um grupo emblemático, que representou Barrancos como símbolo de uma “cultura raiana”, em eventos institucionais, festas locais, regionais, nacionais e transfronteiriças. O sucesso do grupo despertou o interesse das jovens das localidades vizinhas de Mourão (Alto Alentejo), Moura, Santo Aleixo da Restauração, Serpa, Amareleja e Póvoa de São Miguel (Baixo Alentejo).²⁸ Na sequência do trabalho desenvolvido por Ana Castilla nasceu a Escola Municipal de Baile de Barrancos, financiada pelo município e de acesso gratuito.

²⁶ Entre 1988 e 2015 Ana Castilla desenvolveu atividades de ensino nas localidades espanholas de Cortegana, Almonaster la Real, Alajar, Repilado, Jabugo, Santa Olalla, Los Marines, Aroche, Rosal de la Frontera, Los Romeros e Encinasola (Huelva). Entre 2000 e 2015 desenvolveu atividades nas localidades portuguesas de Barrancos, Moura, Amareleja, Santo Aleixo da Restauração, Póvoa de São Miguel, Serpa e Beja (Baixo Alentejo), Mourão e Granja (Alto Alentejo).

²⁷ Ver o *blog* “O Cantinho das ‘Alma Raiana’”. <http://almaraiana.blogspot.pt/>. [Consulta: 20 de Maio de 2017].

²⁸ A partir de 2013 criaram-se novos grupos de baile na raia do Baixo Alentejo que mantêm a sua continuidade: (1) “Pasión Flamenca”, constituído por doze jovens do género feminino e um do género masculino, naturais da vila de Amareleja (Moura), que se estrearam publicamente no “Festival da Juventude de Amareleja” do mesmo ano; (2) “A Mi Manera”, com vinte e sete jovens do género feminino e um do género masculino, naturais da Póvoa de São Miguel (Moura), que se estrearam na 13ª edição da “Noche Flamenca” de Barrancos; (3) “Arte & Compás”, formado por nove



Figura 5. Ensaio na Escola Municipal de Baile de Barrancos. Fotografia da autora, 2015

A Escola Municipal de Baile tem atualmente cerca de trinta alunos de ambos os géneros, com idades compreendidas entre os seis e os dezanove anos, e três grupos de baile: (1) “Zapatito de Tacón”, criado em 2006 por seis jovens do género feminino (entre os 14 e os 16 anos) que iniciaram a sua aprendizagem em Dezembro de 2004; (2) “Rumbo Flamenco”, criado em 2009 por cinco jovens do género feminino e um do género masculino (entre os 13 e os 15 anos) que iniciaram a sua aprendizagem em 2008 e foram apadrinhados pela vice-presidente do município; (3) “Flamenguitas”, que reúne alunas e alunos da classe infantil desde 2013. Estes grupos participam nas festas mais importantes da vila (Festa de Agosto e Expo-Barrancos), são convidados para atuarem em feiras de produtos e festas relacionadas com a arte equestre ou a tauromaquia em ambos os lados da fronteira, e organizam anualmente a celebração musical “Noche Flamenca”, prática comum a todos os grupos de baile dirigidos por Ana Castilla.

A “Noche Flamenca”: “para buscar al duende no hay mapa”

A “Noche Flamenca” é uma celebração musical de fruição local organizada anualmente (desde 1990), entre os meses de Julho e Setembro, por cada um dos grupos de baile das localidades portuguesas e espanholas em que Ana Castilla desenvolve as suas atividades de ensino. Os principais objetivos são: (1) festejar o final do ano escolar; (2) partilhar as experiências técnicas e artísticas adquiridas com a comunidade e os grupos de baile vizinhos; (3) angariar fundos para a manutenção dos grupos, principalmente renovação do guarda-roupa. A organização da festa resulta do trabalho voluntário dos elementos dos grupos e seus familiares, do apoio logístico de associações culturais locais e das autarquias, com a coordenação e direção artística de Ana Castilla. As qualidades de iniciativa e de liderança destes coletivos são fundamentais à dinâmica cultural e ao desenvolvimento humano (Alguacil Gómez 2005), e são cultivadas nas comunidades com o apoio dos respetivos municípios. A liderança provém da intensidade do compromisso, de verem além das limitações e

elementos do género feminino, naturais de Santo Aleixo da Restauração (Moura), que se estrearam em 2014, na 1ª Edição da “Noche Flamenca” de Póvoa de São Miguel (Moura). Ver videoclip em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q36DhEoo7-E>. [Consulta: 20 de Maio de 2017]

das dificuldades quotidianas, e superarem os desafios, ao reunirem-se em torno de práticas performativas.

A “Noche Flamenca” proporciona ao grupo organizador a angariação de fundos, através da venda de bilhetes numerados (2 sevilhanas=2€) que são sorteados entre o público. Ao número premiado corresponde uma oferta, que pode ser um vestido de sevilhana, um leque, ou outro adereço. A venda de ingressos permite-nos saber que assistem a estes espetáculos entre 800 a 1200 pessoas, independentemente das localidades onde se realizam serem portuguesas ou espanholas. Aos grupos de baile convidados é oferecido um *buffet*, e uma lembrança pela participação graciosa, numa permuta fundada na convivialidade e na reciprocidade. Isto significa que os grupos participantes têm a obrigação de agradecer o convite, segundo a “teoria da dádiva” de Marcel Mauss (2001), fundamentada na obrigação de dar, de receber e de retribuir.

A 15ª edição da “Noche Flamenca” de Barrancos realizou-se no Parque de Feiras e Exposições Municipal, no primeiro sábado de Agosto de 2015, com o apoio logístico do município e da Comissão de Festas de Barrancos. Os Festeiros exploraram o bar do recinto, cujas receitas reverteram para a Festa da Vila, em honra da Nossa Senhora da Conceição (que se realiza no último fim-de-semana de Agosto). No total foram vendidos 980 ingressos, mas as pessoas presentes superaram largamente este número. O público era construído por familiares e amigos que acompanhavam os grupos convidados, por representantes do município e pela comunidade local, que conferem à festa uma convivialidade inter-geracional. A vice-presidente do município é figura assídua nestes eventos e interveio publicamente, para reiterar o apoio municipal a uma prática performativa que “representa para os barranquinhos um referente identitário da cultura raiana” (Isabel Sabino, Agosto de 2015).



Figura 6. Abertura da 15ª edição da “Noche Flamenca” de Barrancos. Fotografia da autora, 2015

Na abertura do espetáculo participaram todos os grupos intervenientes, numa prática performativa comum a estas celebrações musicais. Os grupos infantis dançaram no palco, enquanto os restantes grupos percorreram o espaço do recinto, dançando por entre o público, enchendo o espaço de cor, movimento e exuberância festiva. A professora Ana Castilla subiu ao palco para apresentar o espetáculo e anunciar cada um dos grupos participantes, que presenteou carinhosamente no final de cada exibição. Ana Castilla participou também em todas as atuações dos grupos que dirige, estabelecendo uma permanente relação de cumplicidade com os seus alunos. Atuaram nesta celebração musical mais de 100 bailarinas(os) provenientes do Alentejo e Ribatejo (Portugal), da Extremadura e Andaluzia (Espanha), que representavam diferentes gerações, e apresentavam diversos níveis de aprendizagem e géneros performativos.²⁹



Figura 7. Plano do público na 15ª edição da “Noche Flamenca” de Barrancos. Fotografia da autora, 2015

O público foi contagiado pelos ritmos das rumbas, bulerías, alegrías, pasodobles e reggaetons, que contribuíram para uma efetiva participação colectiva, com as pessoas a vibrarem, a baterem palmas e a incentivarem os grupos participantes. As crianças dançavam, incentivadas pelos pais, ou arrebatadas pelo ritmo da música gravada, frente ao palco, imitando os gestos e os passos das bailarinas, suas amigas, vizinhas ou familiares. Após a atuação dos grupos de baile exibiram-se os grupos de flamenco “Calle Sierpes” de Encinasola (Huelva) e “Val de Reales” de Barrancos. Este grupo, de fruição local, foi criado em 2010 por cinco jovens barranquenhos, que atuam habitualmente em restaurantes, festas particulares e bares.

Em contextos rurais envelhecidos e economicamente desarticulados o potencial da música como recurso cultural sustentável é fundamental ao desenvolvimento humano (Turino 2009), porque não só as pessoas sustentam a música, como a música sustem as pessoas, como bem assinala

²⁹ Atuaram os grupos: “Zapatito de Tacón”, “Rumbo Flamenco” e “Flamenquitas”, de Barrancos; “Pasión Flamenca” de Amareleja; “A Mi Manera” de Póvoa de São Miguel; “Ría Pitá” de Encinasola; “Flamenco y Olé” de Safara, dirigido por Daniela Carvalho (fundadora do grupo “Alma Raiana”); “Al Compás del Camino”, da Granja, dirigido por Sara Aranha (ex-aluna de Ana Castilla); “Se Baila Copla”, de Santa Olalla, dirigido por Tomy (ex-aluno de Ana Castilla); “Sevilhanas Rocieras”, de Alcochete; “Aire Libre”, “Alegrías” e “Entre Volantes” de Valencia del Mombuey. Ver videoclip em: <https://www.youtube.com/watch?v=O6jMAGgV2oc> [Consulta: 20 de Maio de 2017].

Titon (2009: 14). Consequentemente, a gestão de uma herança cultural raiana implica a criação de modelos participativos, através de uma ação concertada entre os agentes culturais e os membros da comunidade, a fim de desenvolverem atividades que aspirem a um futuro possível. Na linha proposta por Titon (2009a: 129), para salvaguardar práticas de música e dança o mais importante é promover as condições de hábitat em que as pessoas podem continuar a fazer música de diversos tipos, de distintas formas e modos, e por múltiplas razões.

Os caminhos de uma “regionauta”

A “Noche Flamenca” representa um trabalho experimental que engloba não apenas o processo social de interação entre vizinhos, mas também o processo estético e performativo, como terreno fértil de criação, de “fantasia imaginativa” e “prática corpórea” (Frith 1996: 124). No que diz respeito aos grupos de baile, podemos afirmar que transformaram a professora Ana Castilla numa “regionauta” (Löfgren 2008), cujos caminhos disseminam-se entre os imaginários do flamenco e as oportunidades de ensino, numa logística cultural de cruzamento da fronteira, atrativa e familiar, na qual aplicou a sua experiência e desenvolveu influência social.

Baixo Alentejo



Figura 8. Rede de grupos de baile que organizam a “Noche Flamenca”. Elaborada pela autora, 2015.

O “capital social” de Ana Castilla representa o somatório dos recursos acumulados graças a uma rede informal de relações estáveis, para a qual importa ideias, oportunidades e conhecimentos através das interações sociais construídas em ambos os lados da fronteira. Se observarmos a criação e organização das celebrações musicais intituladas “Noche Flamenca”, desde a perspectiva do “capital social” de Ana Castilla, podemos concluir que as redes sociais construídas nas diversas localidades estão sustentadas na cooperação e em relações consolidadas, com alunas/os, familiares e agentes locais, que contribuem para as festas estarem tão enraizadas nos lugares. Por depender do envolvimento das famílias e de relações de amizade, esta rede comporta um alto nível de interconexões, que resulta da cooperação entre os seus membros e dos apoios municipais na preservação de práticas musicais significantes.

Notas finais

O fenómeno da invenção festiva na raia do Baixo Alentejo insere-se num contexto mais vasto de patrimonialização e turistificação à escala global, como estratégia de desenvolvimento orientada para a valorização da identidade cultural e patrimonial. Por um lado, as políticas europeias determinam os eixos prioritários de desenvolvimento regional, numa lógica mercantil de exploração dos recursos ao serviço do turismo e do lazer. Mas por outro, são as câmaras municipais que implementam os programas supranacionais, em função de realidades concretas. A etnografia mostra-nos os processos, as condições e as estratégias de homens e mulheres que participam na construção do futuro das suas comunidades, resistindo à hegemonia económica e cultural associada ao processo globalizador por meio de “práticas possíveis” (Godinho 2017). As “práticas possíveis” estão ancoradas nas experiências e nas expectativas dos agentes locais, que procuram responder adequadamente às conjunturas do presente, com os recursos materiais e culturais de que dispõem. Para tal, sustentam-se em redes informais e modelos participativos, desvinculados das indústrias culturais e turísticas, independentemente da invenção festiva estar orientada para uma economia sustentável subordinada ao turismo.

Os responsáveis autárquicos destacam claramente nos seus discursos a importância da cooperação e da inclusão social na organização das festas, como fator de desenvolvimento local, ao considerarem o investimento na cultura como meio de atração turística ao serviço da qualidade de vida das populações (Lavrador 2017). No caso de Mértola, a estratégia traçada pelo município está orientada para a diversidade cultural e ambiental, segundo uma lógica de cooperação, local, transfronteiriça e transnacional. O Festival Islâmico serve para estabelecer a relação entre património e cultura, passado e presente, na produção e construção social de um lugar que apela ao diálogo intercultural. As representações da cultura islâmica atribuem sentido a esse lugar imaginado, construído e produzido nas relações estabelecidas entre o “Outro” parceiro e o “Outro” visitante, ponto de encontro de culturas e intercâmbio de experiências.

Em Barrancos, a “Noche Flamenca” constitui uma representação da “cultura raiana”, institucionalmente construída e produzida, vinculada a relações históricas e culturais com os vizinhos espanhóis (Simões 2008a, 2008b, 2013). Mas não é um espetáculo direcionado para o turismo, antes de fruição local, que apela a imaginários musicais. Na “Noche Flamenca” destaca-se a motivação e liderança das mulheres, que provém da intensidade do compromisso com as comunidades, de superarem desafios e imaginarem futuros, para além das limitações e dificuldades quotidianas. Ao reunirem-se em torno de atividades participativas, transformam as celebrações musicais em espaços de criatividade e sociabilidade que não dissociam a dança de uma cultura incorporada, como valor de pertença a um “lugar social” (Augé 2005), com significado histórico e identitário.

Como assinala Paula Godinho (2017), a etnografia constitui um meio de entender percursos, tendo os indivíduos como agentes, e processos, que inserem as mulheres e os homens na história e numa história, num mundo que é sempre complexo, raramente coeso, e a que se colou a palavra “crise” (2017: 77). Na raia do Baixo Alentejo a etnografia mostra-nos que a invenção festiva, como estratégia de desenvolvimento sustentável, sustenta-se na experiência participativa e no poder transformador de pessoas que resistem à monopolização e massificação das indústrias culturais e turísticas, mediatizadas e operadas por consórcios supranacionais à escala global. Nas sociedades rurais do sul a lógica mercantil ainda não substituiu nem destruiu os vínculos e alianças entre as pessoas, que continuam presentes, “apesar da vitória do racionalismo e do mercantilismo ter elevado à categoria de princípios as noções de lucro e de indivíduo”, como afirmou Marcel Mauss (2001: 188). As festas mostram-nos como as ações dos agentes locais expandem oportunidades de

participação coletiva, sustentadas em redes informais que permitem a materialização de ideias e a construção de lugares utópicos. Por outro lado, os imaginários das festas atuam socialmente por o seu conteúdo ser partilhado, comunicado e interiorizado por outros – ou seja, por ser integrado culturalmente, como modo de agir e de pensar sobre o mundo.

BIBLIOGRAFIA

“A ANMP e a atual situação do poder local em Portugal”. 2012. Coimbra: Associação Nacional de Municípios Portugueses. <http://www.anmp.pt/files/dfin/2012/ANMP3201205PT.pdf> [Consulta: 10 de Dezembro de 2014].

Agudo, Juan e Isidoro Moreno (coords.). 2012. *Expresiones Culturales Andaluzas*. Sevilla: Aconcagua Libros.

Alguacil Gómez, Julio. 2005. “Los desafíos del nuevo poder local: la participación como estrategia relacional en el gobierno local”. *Polis* (12): 2-17.

Ali-Knight, Jane et al. (eds.). 2009. *International Perspectives of Festivals and Events*. London/New York: Routledge.

Augé, Marc. 2005. *Não-Lugares. Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*. Lisboa: 90 Graus Editora.

Baptista, Fernando Oliveira. 1996. “Declínio de um tempo longo”. Em *O Voo do Arado*, coords. Fernando Oliveira Baptista, Joaquim Pais de Brito e Benjamim Enes Pereira, 33-75. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia, Instituto Português de Museus/Ministério da Cultura.

Barkin, D. 2002. “El desarrollo autónomo: un camino a la sostenibilidad”. Em *Ecología política: naturaleza, sociedad y utopía*, comp. Héctor Alimonda, 169 -202. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales.

Barros, Afonso (coord.). 1980. *Agricultura Latifundiária na Península Ibérica*. Oeiras: Fundação Calouste Gulbenkian.

Boissevain, Jeremy (dir.). 1992. *Revitalizing European Rituals*. London: Routledge.

Boletim Municipal, nº 45, Julho/2017. Site da Câmara Municipal de Mértola. <http://www.cm-mertola.pt/municipio/comunicacao-municipal/boletim-municipal-de-mertola/item/2214-mertola-informacao-municipal-n-44-2214> [Consulta: 15 de Julho de 2017].

Bourdieu, Pierre. 2001. *Razões Práticas. Sobre a Teoria da Acção*. Oeiras: Celta Editora.

Braga, Alfredo. 2017. *Sobre as traduções dos Rubaiyat de Omar Khayyam*. <http://alfredo-braga.pro.br/poesia/rubaiyat.html> [Consulta: 25 de Maio de 2017].

Brás, Nídia Isabel Mestre. 2016. *Festival Islâmico de Mértola: Experiências de uns e de outros*. Dissertação para obtenção do grau de mestre em Marketing. Faculdade de Economia da Universidade do Algarve.

Cairo Carou, Heriberto; Paula Godinho e Xerardo Pereiro (coords.). 2009. *Portugal e Espanha – Entre discursos de centro e práticas de fronteira*. Lisboa: IELT/Edições Colibri.

Castells, Manuel. 1998. *El poder de la identidad. La era de la información. Economía, Sociedad y Cultura*, vol. II. Madrid: Alianza Editorial.

Certeau, Michel de ; Girard, Luce e Mayol, Pierre. 1996. *A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar*. Petrópolis-RJ: Vozes.

Choay, Françoise. 2001. *A alegoria do património*. São Paulo: Editora Unesp.

- Clifford, James. 2000. "Taking Identity Politics Seriously: 'The Contradictory, Stony Ground'". In *Without guarantees: in honour of Stuart Hall*, eds. Paul Gilroy, Lawrence Grossberg y Angela McRobbie, 94-112. London/New York: Verso.
- Comaroff, Jean y John Comaroff. 2001. "Millennial Capitalism: First Thoughts on a Second Coming". Em *Millennial Capitalism and the Culture of Neoliberalism*, eds. Jean Comaroff y John Comaroff, 2-56. Durham: Duke University Press.
- Costa, Sónia. 2012. "Bons Sons – Comemorar um Tempo, um Lugar e uma Memória". Em *Usos da Memória e Práticas do Património*, coord. Paula Godinho, 253-266. Lisboa: Edições Colibri.
- Cruces Roldán, Cristina. 2015. "Género y baile. Geografías corporales en los orígenes del flamenco", *CCD 29* - Suplemento Año 11, Volumen 10, Murcia, pp. 75-86.
- _____. 2012. "El Flamenco". Em *Expresiones Culturales Andaluzas*, coords. Juan Agudo e Isidoro Moreno, 219-281. Sevilla: Aconcagua Libros.
- Cunha, Luís. 2010. "A memória como património: da narrativa à imagem". Em *Los Lindes del Património. Consumo y Valores del Pasado*, coords. Camila del Mármol, Joan Frigolé y Susana Narotzky, 235-249. Barcelona: Icaria.
- _____. 2006. *Memória Social em Campo Maior*. Lisboa: D. Quixote.
- Cutileiro, José. 2004. *Ricos e Pobres no Alentejo*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Eriksen, Thomas Hylland. 2016. "Sobreaquecimento: pequenos lugares e grandes questões na antropologia do século XXI". *Etnográfica* 20 (1): 197-208.
- Estratégia de Especialização Inteligente para o Alentejo (Uma)*. 2014. Évora: Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo. <https://www.portugal2020.pt/Portal2020/Media/Default/Docs/EstrategiasElInteligente/EREI%20Alentejo.pdf> [Consulta: 12 de Março de 2017].
- Frith, Simon. 1996. "Music and Identity". Em *Questions of Cultural Identity*, eds. Stuart Hall e Paul du Gay, 108-127. London: Sage Publications.
- Getz, Donald. 2010. "The Nature and Scope of Festival Studies". *International Journal of Event Management Research* 5 (1): 1-47.
- _____. 2007. *Events Studies: Theory, Research and Policy for Planned Events*. Reino Unido: Elsevier.
- Gibson, Chris y John Connell (eds.). 2012. *Music Festivals and Regional Development in Australia*. Farnham: Ashgate.
- Godinho, Paula. 2017. *O Futuro é para sempre. Experiência, expectativa e práticas possíveis*. Lisboa: Letra Livre.
- _____. 2014. "Agir, actuar, exhibir. Antropologia e Performance, uma introdução". Em *Antropologia e Performance. Agir, actuar, exhibir*, coord. Paula Godinho, 9-26, Castro Verde: 100Luz.
- _____. 2012. "Contextos da memória, lugares dessubstanciados e re-significação do passado; a fronteira como amenidade, insígnia e património. Em *Usos da Memória e Práticas do Património*, coord. Paula Godinho, 225-242. Lisboa: Edições Colibri.
- _____. 2011. *Oír o Galo cantar Dúas Veces*. Ourense: Deputación Provincial de Ourense.
- Guita, Luís. 2017. "Islâmico de Mértola, um festival de descoberta e tolerância". <http://pt.euronews.com/2017/05/22/islamico-de-mertola-um-festival-de-descoberta-e-tolerancia> [Consulta: 23 de Maio de 2017].
- Harvey, David. 2007. *Breve historia del neoliberalismo*. Madrid: AKAL.
- Hobsbawm, Eric y Ranger, Terence (eds.). 1983. *The Invention of Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Koselleck, Reinhart. 2006 [1979]. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Jepson, Allan y Alan Clark (eds.). 2015. *Exploring Community Festivals and Events*. London/New York: Routledge.
- Jeudy, Henry-Pierre. 2008. *La machinerie patrimoniale*. Paris: Circé.
- Kirshenblatt-Gimblett, Barbara. 2004. "El patrimonio inmaterial como producción metacultural". *Museum International* 221/222. *Patrimonio Inmaterial*, 52-67.
<http://portal.unesco.org/culture/es/files/23944/11005338865MUSEUM221222.pdf/MUSEUM221222.pdf> [Consulta: 8 de Dezembro de 2017].
- _____. 1998. *Destination Culture. Tourism, Museums, and Heritage*. Berkeley: University of California Press.
- _____. 1995. "Theorizing Heritage". *Ethnomusicology* 39(3): 367-380.
- Lavrador, Rui. 2017. "Serpa: Tomé Pires revela que 'na cultura não se gasta dinheiro, investe-se'". *Infocul* <http://infocul.pt/cultura/serpa-tome-pires-revela-que-na-cultura-nao-se-gasta-dinheiro-investe-se/> [Consulta: 12 de maio de 2017].
- Leizaola, Aitzpea. 2006. "Matching National Stereotypes? Eating and Drinking in the Basque Borderland". *Anthropological Notebooks* 12 (1): 79-94.
- Löfgren, O. 2008. "Regionauts: The Transformation of Cross-Border Regions in Scandinavia". *European Urban and Regional Studies* 15 (3): 195-209.
- Lowenthal, David. 1998. *The heritage crusade and the spoils of history*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Mauss, Marcel. 2001. *Ensaio Sobre a Dádiva*. Lisboa: Edições 70.
- Medina García, Eusebio. 2006. "Orígenes históricos y ambigüedad de la frontera hispano-lusa (La Raya)". *Revista de Estudios Extremeños* LXII(II): 713-724.
- Milán Macedo, N. 2014. "Una propuesta metodológica para analizar la coherencia de políticas para el desarrollo". *Política y Sociedad* 51(3): 671-692.
- Moreno, Isidoro. 2002. "La cultura andaluza en el comienzo del tercer milenio: balance y perspectivas". *Revista de Estudios Regionales* 63: 137-157.
- Moreno Fernández, Susana. 2015. "Música, ecología y desarrollo sostenible en el nordeste tramontano". *TRANS-Revista Transcultural de Música/Transcultural Music Review*, 19 <http://www.sibetrans.com/trans/public/docs/06d-trans-2015.pdf> [Consulta: 30 de Novembro de 2015].
- Norgaard, Richard B. 1997. "Globalization and Unsustainability. In *¿Sostenible?: tecnología, desarrollo sostenible y desequilibrios*. VV.AA., 523-532. Barcelona: Icaria Editorial.
- Ortner, Sherry. 2011. "On Neoliberalism". *Anthropology of this Century* 1. <http://aotcpress.com/articles/neoliberalism/> [Consulta: 22 de Fevereiro de 2015].
- Pais de Brito, Joaquim. 2006. "Património e Identidades: a difícil construção do presente". In *Património e Identidades – Ficções Contemporâneas*, eds. Elsa Peralta y Marta Anico, 43-51. Oeiras: Celta.
- Pestana, Maria do Rosário. 2009. "'Voltar a casa e tocar de ouvido'. Música, ecologia e a ordem incerta do mundo". Em *Actas de Performa'09 – Encontros de Investigação em Performance. Universidade de Aveiro, Maio de 2009*. http://performa.web.ua.pt/pdf/actas2009/52_Ros%C3%A1rio_Pestana.pdf [Consulta: 8 de Dezembro de 2017].
- Podadera Rivera, Pablo y Francisco Calderón Vázquez. 2014. "La frontera hispano-lusa en el contexto de la integración europea: ¿Un futuro imperfecto?". *Revista Universitaria Europea* 20: 107-136.

Prista, Marta Lalande. 2013. "Turismo e sentido de lugar em Óbidos: uma pousada como metáfora". *Etnográfica* 17: 369-392.

Prokkola, E. 2007. "Cross-border Regionalization and Tourism Development at the Swedish-Finnish Border: 'Destination Arctic Circle'". *Scandinavian Journal of Hospitality and Tourism* 7(2): 120-138.

Resumen del Diagnóstico Socioeconómico de la Zona de Cooperación 2013. Programa de Cooperación Transfronteriza España-Portugal 2014-2020. http://www.poctep.eu/sites/default/files/documentos/1420/Resumen_Diagnostico_14_10_13_ES.pdf [Consulta: 12 de Março de 2014].

Roteiros do Baixo Guadiana. 2013. Andalúcia: Junta de Andalúcia/Programa de Cooperação Transfronteiriça Espanha-Portugal 2007-2013/UE-FEDER. <http://www.juntadeandalucia.es/turismoycomercio/publicaciones/143368212.pdf> [Consulta: 12 de Março de 2017].

Rovisco, Eduarda. 2013. "Não Queirais ser Castelhana": *Fronteira e Contrabando na Raia da Beira Baixa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

_____. 2011. "Fronteira e turismo no 'concelho mais português de Portugal'". *Geopolítica(s)* 2(1): 91-107.

Silva, Luís. 2007. "Sortelha e Monsaraz: estudo de caso de dois lugares turísticos no interior de Portugal". *Análise Social* XLII(184): 853-874.

Simões, Dulce. 2015. "Memórias e resistências na guerra civil de Espanha: processos de emblematização na raia luso-espanhola". Em *Resistência e/y Memória - Perspectivas Ibero-Americanas*, coords. Paula Godinho, Inês Fonseca e João Baía, 252-262. Lisboa: IHC-FCSH/UNL. <http://run.unl.pt/bitstream/10362/16123/1/Resiste%CC%82ncia%20e%20Memo%CC%81ria.%20Perspectivas%20Ibero-americanas.pdf> [Consulta: 12 de Dezembro de 2015].

_____. 2013. *Frontera y Guerra Civil de España. Dominación, resistencia y usos de la memoria*. Badajoz: Departamento de Publicaciones da Diputación Provincial de Badajoz.

_____. 2008a. *Barrancos en la encrucijada de la Guerra Civil Española. Memorias y testimonios, 1936*. Mérida: Editora Regional de Extremadura.

_____. 2008b. "Fronteras estatales y relaciones sociales en la frontera hispano-portuguesa. El caso de Barrancos y Oliva de la Frontera". *Gazeta de Antropología* 24(2), artículo 52 <http://hdl.handle.net/10481/6965>. [Consulta: 12 de Abril de 2017].

Titon, Jeff Todd. 2009a. "Music and Sustainability: An Ecological Viewpoint". *The World of Music* 51(1): 119-137.

_____. 2009b. "Economy, Ecology and Music: An Introduction". *The World of Music* 51(1): 5-15.

Turino, Thomas. 2009. "Four Fields of Music Making and Sustainable Living". *The World of Music* 51(1): 95-117.

UNESCO. 1997. *Nuestra diversidad creativa. Informe de la Comisión Mundial de Cultura y Desarrollo*. Ediciones UNESCO-Fundación Santa María, Madrid.

Valcuende del Río, José María. 1998. *Fronteras, territorios e identificaciones colectivas: interacción social, discursos políticos y procesos identitarios en la frontera sur hispano-portuguesa*. Sevilla: Fundación Blas Infante.

Williams, Raymond. 1977. *Marxism and Literature*. Oxford: Oxford University Press.

Dulce Simões é doutorada em Antropologia pela NOVA FCSH e investigadora no INET-md, bolseira pós-doc. da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, membro da Red(e) Ibero-Americana Resistência e (y) Memoria (RIARM), colaboradora do Instituto de História Contemporânea (NOVA/FCSH) e do Grupo de Estudios Sociales Aplicados da Universidad de Extremadura.

Cita recomendada

Simões, Dulce. 2019. “Festas, música e desenvolvimento sustentável na raia do Baixo Alentejo”. *TRANS-Revista Transcultural de Música/Transcultural Music Review* 23 [Consulta: dd/mm/yy]



Esta obra está sujeta a la licencia de Reconocimiento-NoComercial-SinObraDerivada 4.0 España de Creative Commons. Puede copiarla, distribuirla y comunicarla públicamente siempre que cite su autor y la revista que lo publica (TRANS-Revista Transcultural de Música), agregando la dirección URL y/o un enlace a este sitio: www.sibetrans.com/trans. No la utilice para fines comerciales y no haga con ella obra derivada. La licencia completa se puede consultar en http://creativecommons.org/choose/?lang=es_ES